
Habilidade e causalidade: uma proposta confiabilista para casos típicos de conhecimento

BRENO RICARDO GUIMARÃES SANTOS

Debates em epistemologia recente têm se pautado, em grande medida, pelo problema de caracterizar a natureza da justificação. De modo geral, a tarefa tem sido explorar o status epistêmico que faz com que uma crença verdadeira seja uma instância de conhecimento. Este debate traz consigo uma discussão mais ampla acerca do conteúdo da definição de conhecimento, ou seja, uma discussão cujo propósito é identificar o que compõe de forma necessária e suficiente esta noção epistêmica central. No entanto, paralelamente a este trabalho tem surgido um tipo de preocupação que, em alguma medida, parece ser anterior à tarefa de discutir a natureza ou os conteúdos do conceito em questão. Esta preocupação diz respeito ao problema da atribuição de conhecimento. Casos do tipo-Gettier não só colocam em xeque a definição tradicional, expondo uma insuficiência nos conteúdos comumente associados a esta noção, mas o fazem mostrando que atribuições triviais de conhecimento estão sob risco, quando pautadas pelos conteúdos da noção tradicional.

Como veremos, a intuição contida na revisão feita por Edmund Gettier se torna ainda mais relevante ao notarmos que o problema persiste mesmo em versões reformuladas da noção tradicional do conhecimento, como presente na proposta confiabilista, com a qual lidaremos neste trabalho. O problema, em linhas gerais, é o seguinte: como devemos entender a atribuição de conhecimento para sujeitos que, supostamente, preenchem todas as demandas para tal, mas que não parecem ter conhecimento em sentido estrito? Os casos de Gettier são paradigmáticos neste sentido. Veremos mais adiante que casos como estes nos apresentam sujeitos que estão cumprindo todas as demandas da análise tradicional do conhecimento, mas que de fato não chegam a possuí-lo. Alternativamente, o problema pode ainda ser invertido: como devemos entender a atribuição de

conhecimento para sujeitos que não cumprem todas estas demandas, mas para os quais, intuitivamente, atribuímos conhecimento? Este problema, veremos, é central para a proposta confiabilista, posto que coloca em dúvida uma das formulações recentes da teoria, defendida por John Greco, e pretende mostrar que tal formulação não salva a teoria do problema da atribuição. Neste trabalho, discutirei o alcance deste problema para a epistemologia e em que sentido sua versão invertida afeta o confiabilismo do agente¹ de John Greco.

Na primeira parte do trabalho meu foco estará no problema geral e na possível contribuição que a noção de saliência causal, proposta no confiabilismo do agente, tem a oferecer como solução. Em seguida, apresentarei dois contraexemplos à centralidade da saliência causal advogada por Greco. Então, na terceira e última parte do trabalho discutirei uma reformulação que Greco faz de sua própria proposta para dar conta das demandas apresentadas por estes contraexemplos. Ao final, defenderei, seguindo Greco, que sua reformulação da noção de saliência causal para casos de conhecimento, em termos qualitativos e não quantitativos, pode nos servir mais adequadamente para entender esta relação de atribuição.

1. Teoria causal da atribuição de conhecimento

O que queremos dizer quando atribuímos conhecimento a alguém? Ao fazer esta pergunta, o epistemólogo parece pretender duas coisas diferentes. Em primeiro lugar, ele parece nos perguntar o que há de especial associado a dada crença de um sujeito que a torna uma instância de conhecimento. Em outro sentido, que é o que nos interessa mais aqui, ele parece querer perguntar o que de fato estamos atribuindo a este sujeito quando dizemos que ele conhece algo, no sentido proposicional.

Segundo Greco, conhecimento é uma realização. Por este motivo, ao dizermos que um sujeito possui conhecimento, pretendemos dizer que tal sujeito realizou um determinado feito e, mais precisamente, que este feito deve ser atribuído a ele. Para Greco, conhecimento é uma “instância específica de um tipo normativo mais geral — o do sucesso a partir da habilidade” (Greco 2012, p.2).² Quando atribuímos o sucesso de uma realização esportiva a um jogador específico, um gol no ângulo, por exemplo, queremos dizer que suas habilidades esportivas desempenharam um papel importante para aquela realização. Segundo Greco, o mesmo se aplica a outras instâncias particulares de sucesso.

Ao atribuírmos conhecimento a um sujeito, dizemos implicitamente que suas habilidades foram importantes para que ele formasse a crença epistemicamente bem-sucedida que ele formou.

Esta é uma visão bastante intuitiva da atribuição de conhecimento, dado que costumamos creditar um sujeito epistêmico por seus eventuais acertos, por suas eventuais crenças verdadeiras. Ao fazer isso, estaríamos, de acordo com a visão de Greco, reconhecendo a importância do caráter cognitivo deste sujeito, de suas habilidades intelectuais, para as instâncias de conhecimento em questão. Entretanto, mesmo considerando o caráter intuitivo do ponto acima, casos de Gettier³ nos mostram que esta não é uma visão completamente adequada para lidar com atribuições de conhecimento. Considere o seguinte caso:

1. COLEGA DE TRABALHO: A partir de um grande número de evidências de que seu colega Nogot tem um Ford, Jones forma a crença de que alguém em seu escritório tem um Ford. Acontece que Nogot não tem um Ford, embora tenha fingido que tinha e tenha feito de tudo para que as pessoas acreditassem que ele, de fato, tinha um. No entanto, a crença de Jones é verdadeira. Isto porque outro colega, Havit, possui um Ford, embora Jones não tenha evidência alguma a este respeito.⁴

Se consideramos a análise tradicional, segundo a qual crenças verdadeiras justificadas são instâncias de conhecimento, este caso aponta um problema de saída. Jones parece cumprir todos os requisitos desta análise, mas não parece ser o caso de que ele sabe que alguém em seu escritório possui um Ford. Poderíamos, então, depositar nossas esperanças na proposta confiabilista de Greco e defender que este não é um caso de conhecimento porque as habilidades do sujeito não estão envolvidas na formação da crença. No entanto, esta resposta é implausível, posto que é difícil concluirmos como alguém que carece de tais habilidades poderia sequer formar uma crença como esta. A crença em questão depende, de fato, das habilidades do sujeito. Além de ser verdadeira e justificada. E esta combinação torna a intuição inicial da proposta tão indefensável quanto a análise tradicional, pelo menos frente às dificuldades dos casos *gettierizados*.

Uma maneira de tornar esta proposta mais forte seria defender que, ainda que as habilidades estejam envolvidas na formação da crença, elas não são parte importante para a explicação da verdade da crença. Posta desta maneira, esta reformulação nos ajuda a entender melhor o caso acima. Embora as habilidades de Jones estejam envolvidas na formação da crença, elas não são importantes

para a verdade desta crença. Na verdade, o que é importante para a verdade da crença é o fato, independente do raciocínio de Jones, de que outro colega seu possui um Ford.

Ainda assim, considerando a plausibilidade da resposta para o caso em questão, é possível pensarmos em casos de tipo-Gettier nos quais as habilidades do sujeito são realmente importantes para a verdade de sua crença. Casos de falha no ambiente são deste tipo. Nestes exemplos, o sujeito forma uma crença verdadeira justificada, com base em uma habilidade cognitiva particular (P. ex. percepção), mas poderia facilmente ter formado uma crença falsa. Ou seja, em um mundo possível bastante próximo, sua crença seria falsa. Assim, parece ser o caso de que mesmo que as habilidades do sujeito sejam importantes para a verdade de sua crença, é possível pensarmos em situações nas quais ele não possui conhecimento, mesmo preenchendo todas as demandas para tal.⁵

O confiabilismo consegue, no entanto, salvar algumas de suas intuições em casos como estes. Segundo Greco, não basta que as habilidades do sujeito sejam importantes para a verdade da crença. Como vimos, apenas esta exigência não salva uma teoria da atribuição de conhecimento de contraexemplos de Gettier. Para ele, o caráter cognitivo do agente epistêmico precisa ser a parte mais importante da explicação do sucesso deste agente em crer na verdade (Greco 2003, p.7). As habilidades cognitivas do sujeito, então, precisam ser a parte mais saliente da explicação de por que suas crenças são verdadeiras ao invés de falsas. Nos casos de Gettier, como vimos, embora as habilidades do sujeito sejam parte importante na explicação da verdade da crença, elas não são a parte mais importante, ou *saliente*, da história causal que explica esta crença verdadeira. Segundo Greco, casos como estes envolvem “algo semelhante a um desvio na cadeia causal” (p.17). Para ele o que é mais saliente que as habilidades, nestes casos, é a acidentalidade, aquilo que supera a saliência padrão dos agentes epistêmicos. Em casos de Gettier, a sorte (ou a dupla sorte) supera a preponderância da saliência padrão que nossas habilidades cognitivas têm em casos normais.

Com esta formulação, Greco consegue nos dar uma resposta adequada *prima facie* ao problema da atribuição de conhecimento disposto nos casos gettierizados. Este é, sem dúvida, um avanço em relação às dificuldades encontradas pela análise tradicional do conhecimento na presença destes problemas. Mas esta formulação é bem-sucedida além desses casos? Em seguida, apresentarei dois contraexemplos que pretendem mostrar que a teoria causal defendida por Greco não é feliz ao lidar com alguns casos típicos de atribuição de

conhecimento.⁶ Embora a teoria assegure algumas de nossas intuições acerca da atribuição de sucesso a um agente, ela parece estar negligenciando outros aspectos importantes da nossa avaliação.

2. O problema dos casos típicos de conhecimento

Vimos até aqui que há, pelo menos, uma plausibilidade inicial na defesa que Greco faz da relação entre habilidades e conhecimento. Esta relação consegue dar conta do problema exposto nos casos de Gettier, sem ferir algumas de nossas intuições sobre atribuição de conhecimento. Considerando conhecimento como um tipo de sucesso — diferente, por exemplo, de mera crença verdadeira acidental, e considerando que este sucesso pode ser atribuído ao sujeito (ou ao seu caráter cognitivo), é fácil aceitar a plausibilidade da proposta. Entretanto, dois contraexemplos importantes colocam dúvida sobre a natureza desta relação. O que há, de fato, em uma crença que é verdadeira por causa das habilidades do sujeito que a coloca em uma posição de vantagem em relação às crenças verdadeiras que não se dão, necessariamente, deste modo? Considere os seguintes casos:

2. **TURISTA EM CHICAGO:** Recém chegado à estação de trem de Chicago, Morris deseja obter orientações para a Sears Tower. Ele olha ao seu redor, aborda aleatoriamente o primeiro transeunte que vê, e pergunta como chegar ao seu destino desejado. O transeunte que, por acaso, é um morador de Chicago que conhece a cidade extraordinariamente bem, fornece a Morris orientações impecáveis para a Sears Tower (Lackey 2007, p.352).

3. **O CASO DE SISSI:** Sissi trabalha como inspetora de bagagem há muito tempo. Ela costumava trabalhar com o antigo SISTEMA 1 [um sistema que mostra o conteúdo real de uma bagagem], mas desde os atentados de 11/09, o aeroporto no qual ela trabalha introduziu o SISTEMA 2 [um sistema que mostra imagens falsas de bombas, para evitar que a inspetora fique entediada ou desatenta — neste caso, ela pode conferir a veracidade da ameaça ao tocar a tela]. [...] Sissi está inspecionando uma bagagem que contém uma bomba. Ela percebe e forma uma crença verdadeira acerca do conteúdo da bagagem. Deste modo, a bomba é interceptada e uma catástrofe evitada (Vaesen 2011, p.9).

Ambos os casos acima apresentam o mesmo problema para a teoria causal confiabilista. Se por um lado seria contraintuitivo não atribuir conhecimento aos sujeitos em questão, por outro lado, se aceitarmos que ambos têm conhecimento, devemos questionar a plausibilidade da teoria confiabilista. Dado que a defesa de Greco é a de que as habilidades do agente devem ser a parte mais saliente da história causal que explica o sucesso epistêmico deste agente, nos resta concluir que, ou é o caso de ambos os agentes acima possuírem conhecimento, o que exporia a implausibilidade da teoria, ou Greco está correto e nenhum dos casos acima é um caso de conhecimento. No entanto, considerando que nossa intuição é a de que ambos os casos são instâncias de conhecimento, a proposta de Greco parece implausível. Isso se dá porque, mesmo considerando que as habilidades dos agentes epistêmicos em questão são relevantes para a formação das crenças verdadeiras que eles formam, é improvável que consideremos estas habilidades a parte causalmente mais saliente para tal. No caso 2, parece mais plausível concluir que as habilidades do transeunte são mais salientes para a crença verdadeira de Morris do que suas próprias habilidades. Note, no entanto, que isto não é o mesmo que dizer que as habilidades de Morris não são importantes. É apenas dizer que o papel das habilidades cognitivas do transeunte tem destaque na história causal da crença de Morris. Se Morris tivesse escolhido acidentalmente um transeunte mentiroso compulsivo, ele acabaria com uma crença falsa, mesmo exercendo suas habilidades intelectuais de forma plena, como no caso original.

O diagnóstico é semelhante no caso 3. Embora as habilidades de Sissi sejam fundamentais para as crenças que ela forma em seu trabalho, a crença verdadeira sobre a existência da bomba foi possibilitada, em grande medida, pelo novo sistema de escaneamento de bagagens. Se Sissi estivesse usando o sistema antigo, haveria uma grande probabilidade de, por cansaço ou desatenção, Sissi não perceber a ameaça.

Mais uma vez, o que está em disputa não é a ideia de que as habilidades dos agentes epistêmicos são importantes para a formação das crenças verdadeiras que eles formam. Podemos conceder este ponto. O que quero destacar aqui é a disputa sobre o ponto mais central da teoria causal, a ideia de que estas habilidades, em casos de conhecimento, precisam ser a parte mais saliente da cadeia de eventos que leva o agente a manter uma crença verdadeira. Exemplos deste tipo acabam colocando o confiabilista em uma posição na qual ele precisa escolher entre uma versão forte e uma versão fraca de sua formulação. Uma versão

forte desta formulação, ou seja, uma na qual a relação de atribuição de saliência causal é entendida nos moldes acima, perde plausibilidade, pois não consegue dar conta dos casos de conhecimento por testemunho e por cognição estendida — como nos casos 2 e 3. Já uma versão fraca da formulação, uma que considere, por exemplo, que o agente epistêmico pode compartilhar a saliência causal do seu sucesso epistêmico com outros aspectos do caso (seja com outro agente, com uma inteligência artificial, etc.), também perde plausibilidade, pois perde de vista a intuição que havia oferecido para casos de tipo-Gettier. Isto porque, em alguns casos deste tipo, é fácil vermos como a saliência pode ser compartilhada, entre o agente e outros aspectos da situação — como falhas no ambiente ou até mesmo a dupla-sorte (p.4; Lackey 2009, p.8).

Deste modo, embora em sua formulação forte a proposta de Greco seja plausível para lidar com casos de Gettier, ela é proibitiva para casos típicos de conhecimento, como é o caso do conhecimento por testemunho apresentado por Jennifer Lackey. É pensando nesta dificuldade que Greco reformula mais uma vez sua proposta, para tentar incluir casos típicos de conhecimento, sem perder algumas das intuições básicas de sua teoria.

3. Saliência quantitativa x Saliência qualitativa

Na primeira parte deste trabalho discuti o tipo de relação que, segundo a teoria confiabilista, as habilidades de um agente epistêmico precisam ter com a verdade de suas crenças, para que estas crenças sejam casos de conhecimento. Vimos acima que, em sua melhor formulação até então, a proposta de Greco é a de que esta relação precisa se dar de forma causal. Para ter sucesso epistêmico, as habilidades deste agente precisariam ser a parte mais saliente da história causal que explica o fato de determinada crença ser verdadeira. Em outras palavras, o caráter cognitivo de um agente, precisa contribuir *suficientemente* para que sua crença alcance o status de conhecimento. Entretanto, vimos que, pelo menos, dois contraexemplos desafiam a plausibilidade da proposta. O que estes contraexemplos mostram é que a contribuição do caráter dos agentes para os casos do conhecimento, ainda que importante, não parece ser mais saliente do que outros aspectos da situação.

Frente a esta dificuldade, Greco propõe uma nova reformulação da sua teoria causal da atribuição de conhecimento. Nesta nova versão, o sucesso de um sujeito em uma realização particular deve ser atribuído às habilidades deste su-

jeito apenas se elas contribuem da *maneira correta* para o sucesso desta realização. Note que na nova formulação, Greco não pretende abandonar a linguagem causal. As habilidades, na atual versão, continuam sendo parte importante na história causal que explica por que o sujeito teve algum sucesso. No entanto, as habilidades agora têm uma importância *qualitativa* e não *quantitativa* na explicação deste sucesso. Diferente da versão anterior, as habilidades agora precisam operar da maneira adequada para o sucesso e não em maior ou menor grau. Os casos a seguir podem servir para ilustrar esta diferença:

4. NEYMAR I: Durante um jogo de futebol, Neymar recebe um passe incrível, quase impossível de ser realizado. Com a defesa do time adversário mal posicionada e o goleiro caído, Neymar faz um gol.

5. NEYMAR II: Durante um jogo de futebol, Neymar está perdido em campo. Sempre perde a bola, erra chutes simples e toma dribles com frequência. Ele recebe um passe incrível, quase impossível de ser realizado. A bola bate em sua canela e entra no gol.

No caso 4, ainda que a saliência explicativa da ocorrência do sucesso, em termos quantitativos, não esteja nas habilidades de Neymar — mas nas habilidades de quem executou o passe, elas ainda parecem possuir uma saliência explicativa em termos qualitativos. Em um caso como este, as habilidades do sujeito contribuem da maneira correta para o sucesso em questão. No caso 5, isto não parece se dar. Entretanto, estas conclusões podem não parecer óbvias à primeira vista. Por isso, para tornar a explicação mais clara precisamos saber o que significa dizer que uma habilidade contribui da maneira correta para o sucesso de uma realização.

Segundo Greco, dizer que uma habilidade contribui da maneira correta, ou da maneira adequada, é o mesmo que dizer que ela contribui de uma maneira que comumente serve a propósitos relevantes envolvidos naquela prática (p.15). No primeiro caso, as habilidades de Neymar, ainda que quantitativamente secundárias para a explicação do gol em questão, são qualitativamente salientes, pois elas operam de uma maneira que serve aos propósitos relevantes desta prática esportiva. No segundo caso, porém, Neymar não está uma posição favorável a estes propósitos. Por isso, parece seguro inferir que suas habilidades não estão contribuindo qualitativamente neste sentido.

Quais são, então, os propósitos relevantes quando fazemos atribuições de conhecimento? Segundo Greco, um importante propósito ao fazermos atribui-

ções deste tipo é o de identificar bons informantes ou boas fontes de informação (p.15).⁷ Em outras palavras, “o conceito de conhecimento serve para identificar pessoas como informantes, ou seja, como fontes de informação relevantes para alguma tarefa prática” (p.16).

Assim, podemos ver em que medida esta nova formulação pode apresentar respostas às objeções acima. Segundo Greco, embora as habilidades dos agentes dos casos 2 e 3 não possuam saliência explicativa quantitativa, elas contribuem da maneira correta para o sucesso epistêmico desses agentes (p.17). Suas habilidades, então, contribuem de uma maneira que serve a necessidades informacionais relevantes. Já em casos de Gettier, o mesmo não se dá. Para Greco, embora os sujeitos gettierizados formem crenças verdadeiras, suas habilidades não contribuem para estas crenças de uma maneira que possa ser explorada para necessidades informacionais. Ou seja, elas contribuem em algum sentido, mas não contribuem de uma maneira que sejam confiáveis para estes propósitos (p.17).

Obviamente, a resposta de Greco frente a estes ataques não está completamente desenvolvida.⁸ Além disso, há outros detalhes de sua solução que omite deliberadamente para fins de discussão.⁹ No entanto, ainda que carente de algum aprofundamento, a proposta de Greco cresce em plausibilidade inicial, a plausibilidade que havia perdido ao ser confrontada pelos contraexemplos 2 e 3. Deste modo, ao defender que nos dois casos as habilidades dos sujeitos operam da maneira adequada para o sucesso, nas circunstâncias relevantes — seja explorando práticas sociais (para o caso do testemunho) ou explorando tecnologias (para o caso da cognição estendida), Greco mantém sua intuição de que o caráter cognitivo do sujeito precisa ter algum tipo de saliência causal na explicação do sucesso epistêmico. E faz isso sem perder de vista algumas nossas intuições mais comuns acerca da atribuição de conhecimento em casos típicos como estes.

Apoio

Este trabalho foi realizado com auxílio da CAPES.

Referências

Greco, J. 2012. A (Different) Virtue Epistemology. *Philosophy and Phenomenological Research* 85: 1–26.

- . 2003. Knowledge as Credit for True Belief. In: DePaul, M.; Zagzebski, L. (eds.) *Intellectual Virtue: Perspectives from Ethics and Epistemology*. Oxford University Press, p.111–34.
- Lackey, J. 2009. Knowledge and Credit. *Philosophical Studies* 142: 27–42.
- . 2007. Why We Don't Deserve Credit for Everything We Know. *Synthese* 158: 345–61.
- Vaesen, K. 2011. Knowledge without credit, exhibit 4: extended cognition. *Synthese* 181: 515–29.

Notas

¹ Usarei aqui os termos “confiabilismo” e “confiabilismo do agente” para expressar o mesmo tipo de teoria, aquela defendida por John Greco, segundo a qual o caráter cognitivo do sujeito é central para seu status epistêmico positivo. Embora estes termos guardem uma diferença em seu conteúdo, esta diferença não é importante para nós neste momento.

² No decorrer do trabalho, todas as referências a este artigo, e apenas a este, serão identificadas somente pelo número da página.

³ Casos de Gettier, ou de tipo-Gettier, são contraexemplos que costumam explorar uma suposta lacuna na definição tradicional de conhecimento, mostrando que a noção tradicional de que conhecimento é o mesmo que crença verdadeira justificada falha em algum sentido, ficando comprometida por esta falha. O ensaio seminal “Is Justified True Belief Knowledge?” (1963 *Analysis*), de Edmund Gettier, é bastante ilustrativo neste sentido.

⁴ Este exemplo foi adaptado de uma versão de um caso de Gettier, apresentada por Keith Lehrer em “Knowledge, Truth and Evidence” (1965, *Analysis* 25: 168–75).

⁵ Alvin Goldman, em “Discrimination and Perceptual Knowledge” (1967, *The Journal of Philosophy*), reproduz um exemplo interessante apresentado por Carl Ginet, no qual o status da crença de um sujeito é afetado pela falha ambiental. Em linhas gerais, o exemplo é como se segue: Imagine que você está dirigindo por uma região lotada de falsos celeiros, de fachadas de celeiros indistinguíveis de celeiros reais. Ao olhar para o único celeiro real da região, você forma a crença de que há um celeiro do campo. Sua crença está justificada, mas a falha ambiental faz com que ela seja apenas acidentalmente verdadeira, portanto, não permite que ela seja uma instância de conhecimento.

⁶ Greco já discutiu estes dois contraexemplos (p.4, 5) e a discussão que eu pretendo fazer daqui para frente é com base nas respostas que ele apresenta às objeções.

⁷ Greco nota que esta maneira de encarar os propósitos da atribuição de conhecimento pode ser encontrada também em Sosa (*Knowledge in Perspective*, Cambridge University Press, 1991) e em Craig (*Knowledge and the State of Nature*, Oxford University Press, 1990).

⁸ Em outra ocasião, discuto a natureza das habilidades apresentadas por Greco. Segundo ele, habilidades são disposições que devem ser manifestadas adequadamente para os pro-

pósitos em questão. Sugiro, então, que deveríamos entender estas habilidades no sentido proposto por Michael Fara (2008. Masked Abilities and Compatibilism. *Mind* 117: 844–65), como disposições que podem ser manifestadas ou estar mascaradas nas circunstâncias relevantes. (Cf. Santos, B. R. G. 2014. Causal salience and knowledge attribution: a reliabilist approach. *A ser publicado*). No entanto, inserir esta discussão neste trabalho o tornaria demasiado extenso.

⁹ Nenhum deles, vale frisar, é de extrema importância para meu ponto neste trabalho. Por isso a omissão.